

À PROCURA DE UM NOVO MODELO DE MISSÃO

O PENSAMENTO HUMANO SOFRE
REVIRAVOLTAS.
SE TAL CONSTATAÇÃO TEM BASE, EM QUE
DEVERIA MUDAR
A MISSÃO CRISTÃ ENTRE OS POVOS, SE
CONSTATARMOS
QUE SUA FORMULA
TRADICIONAL ACABOU?

São uns duzentos e cinquenta anos que Immanuel Kant (1727-1804) colocou sobre o pensamento humano uma angustiante pergunta: “O pensamento humano é fotografia das coisas que vemos ou representa a nossa maneira de pensar a respeito delas?”. A alternativa que a pergunta colocava era deveras estarrecedora e encontrou inimigos e zombadores. Mas, com o passar do tempo, foi reconhecida a validade tanto da pergunta posta quanto da resposta que o próprio Kant estava cogitando desde o começo: “Quando falamos das coisas que vemos, dizia Kant, falamos mais de nós mesmos que delas, pois as temos investido com a nossa maneira de pensar e até com os nossos interesses e preferências”. E foi a partir da descoberta de Immanuel Kant que muitas coisas mudaram no saber e na conduta humana e teve começo o assim chamado pensamento moderno ou modernidade. E foi a partir daí que o pensamento humano mudou de estatuto e revirou de uma vez os conhecimentos que tinham chegado das idades anteriores, isto é da antiguidade, da idade média e da renascença. A partir das conclusões de Kant, o saber humano não estava mais analisando e descrevendo

a realidade das coisas, peça por peça, mas devia-se contentar em vê-las por meio de vagas imagens ou, simplesmente, de interpretá-las com um notável grau de subjetividade, isto é em base à sensibilidade e as intenções de quem as abordava e as queria utilizar.

01. O efeito Kant sobre o conhecimento religioso.

Contudo, nos ambientes religiosos a descoberta de Kant começou a funcionar muito mais tarde que nos ambientes filosóficos e/ou científicos. Podemos dizer que precisaram uns duzentos anos para que a teoria kantiana do conhecimento fosse decisivamente acolhida e aproveitada nas ciências religiosas. Em seguida, só do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65) para cá, alguém começou a afirmar que a Bíblia não é conhecimento direto ou realista de Deus e das coisas divinas, mas somente uma vaga intuição ou interpretação do mundo divino e dos sonhos que a humanidade faz em relação a sua possível felicidade eterna no além. E que coisa ficou da teologia que na época de Kant dominava as universidades mais famosas da Europa? A teologia não perdeu a sua posição de princesa na área do pensamento humano, mas não é mais vista como uma explicação da Sagrada Escritura e sim como uma das possíveis interpretações dela. Ou melhor, visto que a Bíblia era já por si mesma uma primeira tentativa de interpretar as coisas divinas, a teologia passou a ser considerada uma interpretação da interpretação das mensagens divinas escondidas nas misteriosas narrações e reflexões bíblicas.

02. A inevitável e abençoada aparição do pluralismo.

Já dissemos que interpretação não é fotografia que possa logo oferecer uma visão sumária do objeto em questão, mas é antes de tudo estender ou esquadrihar o assunto e verificar o sentido de cada uma

das suas partes, de cada seu pedaço. Interpretação é verificar os vários sentidos que uma palavra ou uma frase tem no dicionário e escolher aquele ou aqueles que parecem se atalhar melhor à intenção do autor. Por exemplo, pensemos nos incontáveis significados lexicais que o vocábulo PALAVRA encerra em si mesmo. Palavra é som, palavra é grito, palavra é chamado, é alerta, é desespero, é comando, é informação, é pensamento, é comunicação, é testamento, é vontade, é projeto, é proposta, é segredo, é julgamento, é prêmio, é reprovação, é agradecimento, é carícia, é lembrança, é dureza, é castigo, é pena... Enfim palavra é indicação de tudo quanto está num dicionário ou numa enciclopédia, é tudo quanto ainda não foi dito pela humanidade mas será dito daqui para frente ao longo de milhões de anos. As coisas se complicam se começarmos a pensar nos possíveis resultados que daria a conjugação de duas palavras por meio da preposição “de”, ou seja PALAVRA DE DEUS. Aquela especificação “de Deus” vem intrigar tudo e nos assegurar que a PALAVRA DE DEUS é infinita e nem milhões de anos serão suficientes para traduzi-la ou explicá-la definitivamente, pois Deus é infinito, graças a Deus. Conclusão: dos acenos feitos nenhuma palavra irá contentar-se de uma só versão, de uma só tradução e faz com que se torne necessário um pluralismo sem medida ou sem fim. Um pluralismo seja de traduções como de interpretações, bem por sabermos que por uma só palavra ou por uma só proposição muitas pessoas foram condenadas a morte e povos inteiros foram exterminados. Razões pelas quais eu diria ou pluralismo ou se feche a boca, ou não se fale mais pela vida inteira. Ou muitas traduções e interpretações da Bíblia, ou se acabe de admitir que existe uma PALAVRA DE DEUS. Quem atribui

um só sentido à Palavra de Deus saiba, desde agora, que está negando ou matando o Deus infinito. De fato, dizer pluralismo é admitir que, na área do saber, de qualquer saber, deve existir elasticidade, tolerância, procura contínua, experiência e disposição dos ignorantes e dos doutos a se encontrarem e se entenderem. Em fim, deve haver a consciência de que o mundo, tendo sido feito por Deus, é composto de milhões de milhões de coisas destinadas a se meter de acordo e se integrar, por causa da sua constituição natural e pela vontade e amorosa liberdade do Deus único. De fato, o AMOR (= Deus) não é a relação das relações?

03. A filosofia antiga tinha previsto Kant. O que Kant afirmou por primeiro –que a mente humana não fotografa as coisas mas as interpreta e as interpreta em dependência de suas possibilidades limitadas, de seus gostos e, até, de seus interesses- carregava uma outra impertinente mensagem: as coisas todas do mundo não vivem paradas ou imóveis mas se comportam como se fossem em contínuo movimento, pois são levadas a trocar continuamente de conteúdo e de valor a causa da nossa maneira de avalia-las e utiliza-las. Era mais ou menos o parecer que Heráclito, 25 séculos antes, já tinha emitido, pois tinha observado que as coisas estão como que correndo e mudando à maneira das águas dum rio e fica difícil, se não impossível, pronunciar sobre elas um parecer definitivo, uma definição imutável. Opinião esta que não foi aceita por Platão que, voltando ao determinismo de Parmênides, confirmou que são imutáveis tanto as ideias quanto as coisas que foram realizadas em base às ideias. A tal ponto as coisas são imutáveis que quando uma é o contrário da outra, podem se chocar e devorar reciprocamente Para Platão, o céu é o oposto da terra e

ambos são causa de um cego dualismo. A matéria é o oposto do espírito e nunca poderão caminhar juntas ou colaborando entre elas. Antes pelo contrário: onde há matéria não pode haver espírito; onde há espírito não pode haver matéria. O fogo é o contrario da água e os tendem a se anular, um pelo outro. Numa palavra, Platão achou que a realidade é frequentemente estruturada por dados opostos e inconciliáveis, sempre dispostos a se devorarem um pelo outro. E, vejamos bem, este posicionamento foi acolhido na filosofia e na teologia cristãs apesar de ser perigoso e de favorecer dualismos e maniqueísmos. Foi acolhido no mundo cristão e só começou a balançar no século vinte, ou seja quando se pensou que a física quântica podia mudar a visão do mundo. Por que? Porque a física quântica afirma, em base a experiências incontestáveis, que a matéria pode ser energia e que a energia pode ser matéria. De fato elas, como diz Quant, o descobridor da física quântica, não são duas realidades opostas e contraditórias como pensava Platão – acorrentando por 24 séculos aquele pensamento humano que em seguida se tornou pensamento cristão- mas são dois estados diferentes da mesma realidade. Matéria e energia são como a água e o gelo, ou a água e a nuvem, ou a água e o vapor acuéo que tem forma de gas. Se poderá objetar que energia não é nem palavra nem realidade platónica, pois Platão falava em “espírito” e não em energia e, então, que a dedução acima invocada – identificando energia com espírito- não tem valor. Mas há teólogos que aceitam tal dedução, aduzindo que o binômio **matéria - energia** pode ser visto como paralelo do binômio matéria - espírito ou como consequência de uma lei cósmica que engloba qualquer aparente contraposição. Em todo caso, pela física quântica, podemos ter certeza

que não é o princípio de oposição a governar a natureza, mas o princípio de assimilação e integração. As coisas do universo não tendem a se chocar e se anular, mas a se encontrar e, eventualmente, a formar uma realidade maior e mais significativa.

04. Outros disparos da física quântica. Se trata de um axioma que ainda se refere ao aproximar-se e integrar-se de duas ou mais coisas. E bem, a física quântica nos informa que coisas diferentes quando se encontram e se integram não operam uma soma mas uma multiplicação. Um princípio que, dito com outras palavras, nos alerta a respeito de algo tanto maravilhoso quanto inesperado. Com Platão as coisas se separavam, se contrapunham e se destruíam reciprocamente, com Quant as coisa se integram e duplicam ou multiplicam o seu ser e a sua possibilidade de se impor e produzir realidades cada vez mais novas e, naturalmente, mais favoráveis a subsistência de todo o universo. Vamos reforçar tal ideia com um outro exemplo, pensando em cientistas que trabalham em equipe. Trabalhando juntos, em equipes de três, quatro ou cinco pesquisadores, podem descobrir realidades ou novidades muito promissórias para o bem da humanidade, mas realidades ou novidades que nenhum deles, operando sozinho, teria podido conhecer e revelar. Mas vamos fazer um outro passo sempre na mesma direção, pensando nas coisas que, vindo da natureza, vem indubitavelmente do seu criador, de Deus, para concluir que o que vem de Deus é sempre relacional, é sempre em função de se enganchar com outras coisas e formar conjuntos cada vez mais propícios à vida humana sobre a terra. Pensemos por um instante em religiões que se encontram e se metem a dialogar. Elas não somente enriqueceriam o coração e a vida de seus respectivos

adeptos, mas adquiririam também mais força para se difundir e provocar resultados sempre maiores no seio de outras religiões, outras culturas ou outros saberes. Em suma, a física quântica me está sugerindo que, apesar de Jesus nos ter ensinado a se encontrar e, então, a multiplicar as nossas forças e capacidades, por muitas vezes temos operado em sentido contrário, temos provocado contraposições e separações dolorosas entre homens e mulheres, entre clérigos e leigos, entre doutos e ignorantes, entre ricos e pobres e, então, entre céu e terra, entre Deus e o mundo por ele criado, entre Deus e a sua projeção. E, terminando com os apelos a física quântica, gostaria acenar a um outro formidável ensinamento dela. Estudando a física quântica percebemos que no universo não existe o baixo e o alto, o por cima e o de lado, o superior e o inferior, o primeiro e o segundo, o maior e o menor, mas cada coisa é munida de um certo COM, isto é é munida da capacidade de se relacionar com todas as outras e sempre formar um conjunto admirável se não impecável.

04. O modelo básico da missão passada. Não é aquele que nos poderia ter vindo dos primeiros três séculos do cristianismo, aquele que era fundado no testemunho e na atração -como observa agora Papa Francisco (...)- embora a divisão ferrenha entre leigos e clérigos se tenha constituído já a partir do segundo século da era cristã, mas é o modelo que se constituiu a partir da época constantiniana (entre quarto e sexto século). Constantino tinha acabado com a perseguição dos cristãos mas, naquele mesmo momento, sabendo ou não sabendo, começou a maltratar os que não se faziam cristãos. Não perseguia eles, mas os privava da sua proteção, do seu interesse e do emprego nos organismos do estado romano.

Numa palavra, os obrigava à miséria, a não ser que se decidissem a se batizar, coisa que provocou uma corrida medonha aos templos cristãos introduzindo na igreja multidões não suficientemente preparadas a cumprir aquele passo e provocando desarranjos nas suas comunidades. Constantino gostava dos cristãos, mas não por causa da fé deles. Constantino gostava da conduta dos cristãos porque produzia ordem e segurança no império, a tal ponto de desejar que todo mundo se convertesse à nova religião. As coisas pioraram com Teodósio e Justiniano. Estes tornaram obrigatória a conversão ao cristianismo e começaram a perseguir os pagãos, derrubando templos e estatuas famosas na Grécia, no Egito, em Roma e até massacrando pessoas inocentes, como a filósofa de Alexandria. A ordem de matar os que praticavam ritos e divinações do paganismo era contida no quarto edito de Teodósio emitido em 392. Para ser mais breve, Teodósio e Justiniano associaram as conversões dos pagãos diretamente aos interesses do império, pois cada dez pagãos que pediam o batismo, o império estendia o seu território de pelo menos um quilometro quadrado. Daquela maneira, não era o Evangelho que avançava, mas, sob pretexto do Evangelho, era o império que avançava com todos os seus perversos interesses. Mas de qual fundamento gozava este sanguinário iter missionário? Gozava da convicção que os pagãos só se podiam salvar, para a eternidade, à condição que virassem membros do império cristão, que era como dizer membros da Igreja. O lema “fora da Igreja não há salvação” surgiu precisamente naquela época e perdura, em certos ambientes, até hoje, embora o Concílio Ecumênico Vaticano II o tenha definitivamente invalidado. Em seguida, teve épocas em que o interesse político aproveitou da missão cristã com

formas de violência inauditas. Se pense à era carolíngia (secc. VIII/IX) e às táticas do imperialismo espanhol e português (sec. XVI-XIX) que se apoiava em decisões da cúpula do catolicismo. De fato, com realismo ingênuo e pueril, o papa Alexandre VI se considerava vigário de Deus e, então, com o poder de dividir o globo terrestre entre Espanha e Portugal, como se se tratasse de um bolo de aniversário. Aquele realismo ingênuo se fundava numa leitura simplória e acrítica da Palavra de Deus, tendo como mestres alguns dos maiores pontífices da história, tais como Gregório VII (declarado santo pela Igreja), Inocêncio III ou Bonifácio VIII.

05. Acabou o modelo tradicional de missão? Após ter observado que o modelo tradicional de missão se praticava também por encorajamento e comando da Bíblia –especialmente contra a forma idolátrica do paganismo ao ponto de identificar idolatria com qualquer religião que não fosse a cristã- temos que admitir que tal modelo primitivo não teve vida fácil e foi contrastado de várias maneiras a partir das missões monásticas implantadas em toda Europa por monges gregos e latinos (em particular pelos beneditinos) e até na China e na Ásia por franciscanos e dominicanos. São Francisco em pessoa deu exemplo de uma missão de cunho oposto à precedente, caminhando entre os muçulmanos do Oriente Médio e assegurando-lhes que se sentia irmão deles em vez que portador de uma nova religião. Nem se fale, pois, dos grandes jesuítas que fizeram missão na China, na Índia, no Tibet e no Japão como os padres Ricci, De Britto, De Nóbili e Vallignano. Nunca ouvi falar da possível origem Inaciana da metodologia dos missionários acima acenados. De fato, parando por alguns tempo em Veneza, o primeiro grupo de Jesuítas, formado por Inácio, Francisco, Xavier, Faber e

alguns outros, procurou, mas sem conseguir, um navio que os levasse e deixasse na Turquia, para que? Para que pudessem provar aos turcos de sentir-se irmãos deles e a serviço deles. Uma notícia esta que parece incrível ou absurda se se pensa à feroz inimizade que, no século XVI, havia entre cristãos e turcos de religião muçulmana. São 68 anos que eu vivo numa congregação missionária de parentesco jesuíta, pois tem Francisco Xavier como padroeiro, mas nunca ouvi falar da formidável atualidade missionária vivida e antecipada de quinhentos anos pelos primeiros jesuítas. De fato se era naquele tempo em que, por contraposição platónica e incentivo bíblico mal-entendido, os cristãos odiavam à morte os muçulmanos e os muçulmanos odiavam à morte os cristãos. A batalha de Lépanto teria acontecido somente três décadas depois, em 1571. No século XX os missionários se multiplicaram e a missão endireitou bastante, embora sem poder perder definitivamente um certo cheiro patriótico ou colonialista. Pelo contrário, o cheiro patriótico e/ou colonialista da missão, após ter afetado a consciência do universo cristão se tornou para ela um bumerangue de proporções imprevistas. Contudo, sobre toda a questão do enfraquecimento da missão, tem que colocar um **porém** de grande beleza antropológica e até teológica. Se trata de um porém que revira a posição tradicional do cristianismo em relação as religiões não cristãs. Para as doutrinas do Concílio Ecumênico Vaticano II e outras conseguintes, as religiões não cristãs não são inimigas e/ou concorrentes do cristianismo mas, além de serem carregadas de valores humanos e cristãos, podem se tornar nossas aliadas e companheiras na caminhada que levaria todos juntos ao Reino de Deus (Cfr. *Nostra Aetate*, sobre religiões não

cristãos; *Dignitatis Humanae*, sobre liberdade religiosa e *Diálogo e Anúncio*, sobre metodologia missionária).

06. Os pré-requisitos da nova missão. Dissemos até agora que a característica básica da missão tradicional foi a de ser radicalmente contrária a tudo o que não era ou não parecia ser cristão. Por consequência, quem recusava de aceitar o batismo podia ser condenado à morte no instante ou sofrer graves prejuízos para toda a vida. É aquilo que aconteceu quando a missão foi confiada ao exercito carolíngio (sec. XIX) que operava na Europa central e do norte, ou aos conquistadores ibéricos (espanhóis e portugueses) decididos a ocupar e dominar todo o terceiro mundo, pelo simples fato de não aparentar sinais de cristianismo. Pelo tratado de Tordesilhas (1493), aos portugueses cabia o direito de dispor de todas as terras que se encontravam ao leste do meridiano 10, quer dizer da atual Belém e S. Paulo (Brasil) até a atual Indonésia inclusa. Aos espanhóis cabia o direito de se apropriar do mundo situado ao oeste do meridiano 10, isto é de Belém e S. Paulo (no Brasil) até às Filipinas no Oceano Pacífico, razão pela qual da América Latina (Brasil excluído) até as Filipinas se fala ainda hoje o castelhano. E bem, o primeiro pré-requisito para acertarmos as linhas básicas da nova missão cristã é aquele de renegarmos os comportamentos descritos até agora em tudo aquilo que hoje em dia seria contrário ao entendimento atual da Palavra de Deus e, se quisermos, aos princípios de conhecimento que nos foram propiciados recentemente pela física quântica. E não será com pouca surpresa que iremos constatar um paralelismo impressionante entre a teologia e a ciência.